

II

Esta noite está a ser especial! Estou a conversar *tecladamente* com a ‘Jenny’ sobre: a falta de *comunicação* - este termo significa muita coisa mas o que quero dizer é comunicação entre pessoas, comunicação *peer-to-peer* não a virtual, sim aquela cujo único intermediário é o ar - neste presente em que vivemos. Estamos a falar sobre o facto quase provável de um futuro próximo no qual a comunicação estará absolutamente estabelecida pelos computadores e onde não haverá sequer móbil para iniciar uma conversa e onde a comunicação física terá o estatuto de absurda e estranha e estará na sua forma substituída pelo *teclar*; e no qual as missas são assistidas em casa pelo fruto da fibra óptica. *Teclamos* divertidamente sobre um futuro que havia extinto os gafanhotos que tão indelicadamente,

mas sem propósito, saltavam do nosso discurso, assim como tinha extinto toda e qualquer forma de discussão á face do nosso planeta, de uma forma tão rápida e rigorosa, quanto foi a extinção, há 365 milhões de anos, dos dinossauros. Um futuro tão desembruteado e sofisticado para as pessoas que o viviam, assim como era calculista ao milímetro no curso dessas vidas. Um futuro onde a frase “a conversar é que a gente se entende” tinha dado lugar ao “o computador resolve” o que progressivamente dera espaço a um silêncio sem fim e a uma grande solidão. Estava ainda essa sociedade ou mundo, para cúmulo de todos os seus *problemas*, *melhorada* com inovadoras tecnologias, não muito exageradas ás dos dias de hoje mas que pelas quais as pessoas viviam vidas e organizavam mundos sem comunicar *mano-a-mano* com outras. Tinham o que queriam, como queriam e onde queriam, pelo simples pressionar de um botão - imaginem então as suas obscenidades (LOL) - e não era um mundo pessoal, tudo era generalizado, estandardizado e massificado.

Não sei se para me *calar*, mas aqui a ‘Jenny’ perguntou-me se por acaso eu não sou um dos pioneiros desse mundo não ideal, mas que ao que parece, para ele caminhamos inconscientes. Eu afrontado respondi rapidamente que não, mas no fundo receei que ela estivesse com uma relativa quase absoluta razão.

Nós, cada vez, comunicamos menos *mano-a-mano* e por isso, cada vez, há mais desconhecidos. Decidi então tornar esse meu ‘não incerto’ para um ‘não certo’. Nesse momento tal qual o temperamento de Perseu quando decide ir em busca da Górgone, *teclei* á ‘Jenny’ que no próximo Sábado irei com toda a certeza a esse lugar onde ela mora e que ela tão claramente respeita e adora e mostrei-lhe que não sentia qualquer receio em dirigir-me a alguém ou a algo que até á altura desconhecia. E com isto despeço-me da ‘Jenny’ e desligo o meu computador de última geração e decidido a provar um pouco do desconhecido abro parcialmente a porta do meu quarto. Espreito. Vejo os tais assustadores. Fito-os. Corre-me então pela espinha um gélido que parece levar-me a alma. Vou voltar para trás, mas, no meio deste escuro que liberalmente produz um remoinho de estranheza dentro da minha própria casa, consciente que estou inconsciente do que se poderá passar: dou um passo, sigo em frente, acendo as luzes, encaro todo o hall e os assustadores deixam de funcionar. Toda essa historia é motivo de contagiantes risotas. Descubro que são nada mais nada menos que os dígitos do relógio do vídeo reflectidos no embaciado espelho do hall. Está tudo conhecido! prontos! não foi difícil. (achas que sim!) Agora que tenho a certeza da existência de mais uns grãos de parvoíce em mim; não me apetece apagar a luz do hall, não por causa das ilusões que

costumam vir com o escuro – essas já não me devem tomar mais – mas porque já estou farto de andar aos encontrões. Mas apesar dessa vontade apago as luzes e vou de cabeça baixa, de volta para o quarto. Dou uns encontrões pequeninos mas « ZÁS » choco de cabeça contra a porta do meu quarto que não se abre á primeira. Não quero entrar em pânico por isso como se não tivesse a sentir medo, com calma, esclareço-me, aproveito esta situação para conhecer o hall que me assustou. E é então que do escuro se faz luz! Começo a seguir uma linha de pensamento que me demonstra que o desconhecido é difícil, porque é tudo aquilo que está a ser pela primeira vez, sentido, mas que isso pode ser facilmente ultrapassado se eu usar devidamente a razão para ajudar-me a descodificar esses impulsos. Mas a coisa não acabou por aí: entendi igualmente que para um indivíduo, todos os impulsos, recentes ou antigos, exigem compreensão, mas essa, feita pelo próprio que as sente, porque a compreensão é subjectiva, varia com o indivíduo, com o ambiente que engloba o indivíduo, e com todas as características desse impulso. Todos os dias, passamos pelas coisas, ás vezes, estamos *abertos* para as ver, outras vezes não chegamos a tanto. E elas passam mais um dia despercebidas. E nem sequer podemos falar delas, porque são nos desconhecidas. E se delas falarmos, será algo muito limitado, porquê? Porque são nos desconhecidas. E quando

alguém nos fala delas, achamos melhor só ouvir porque o assunto é nos desconhecido, mas temos então a oportunidade de saber um pouco sobre elas, oportunidade de esclarecermos esta realidade assim viveremos melhor nela.

Se já soubermos um pouco sobre o assunto e se a conversa for conduzida sob os domínios da igualdade e compreensão mútua, ela dará á luz ideias novas, porque é com o esclarecimento que relacionamos coisas conhecidas para encontrar uma nova.

Agora! como criticar a pessoa que supostamente nos está a ensinar, se desconhecemos o assunto. Se nunca nos debruçámos tempo suficiente sobre a coisa, para a conhecermos, e por esse motivo não podemos afirmar que verdadeiramente a conhecemos. Sabendo que a crítica, as revoluções, são a base de todo e qualquer desenvolvimento, este não analisar das coisas, é realmente muito medonho. Porque conhecer não é só aceitar, tudo o que nos mostram.

Falo disto e se calhar caio no mesmo erro, portanto, de volta ao hall: Surge-me um galo e este dói-me imenso e aqui neste momento de dor, praguejo reclamando o hall iluminado pela sua luz de sempre, prefiro esse hall iluminado e agora sei o porquê. - Ficou tudo tão claro! E por que raio não me veio isto antes á cabeça. - O hall que eu nunca deixei de reconhecer como parte integrante de

minha casa ainda há momentos atrás o declarei espaço-mistério, um espaço de terror e de assombro. Agora corroboro algo que me haviam dito que era realmente lógico e natural: as coisas mudam sem realmente mudarem em si, mudam por mudarem as outras coisas em relação a essa coisa.

O que percebo, é que conhecer é complicado e por vezes implica sentir, e a visão, ou o tacto, ou o cheiro, os sentimentos são sempre algo pessoal, imediato, subjectivo, e ainda por cima quando estamos a conhecer temos de concorrer com as ilusões e os *mágicos* que não cessam de nos perseguir, de nos influenciar e de nos atrapalhar; e temos ainda, a acrescentar ao rol, de ter o cuidado de não cairmos na tentação de deixar a competição e acomodarmo-nos ás ideias dos outros. Isto sempre não esquecendo que o como e o que vejo hoje não será o como e o que amanhã verei, porque as coisas, tudo, está sempre em movimento!

Sem cobrir diferentes pontos de vista possíveis no meu dia-a-dia, mais cedo ou mais tarde aperceber-me-ei, que realmente conheço nada, ou melhor não conheço tudo. O que conheço, as informações que disponho, são apenas, particularidades de um todo, que por serem tão particulares, não me dão o poder de definir o todo. Pela mudança de ponto de vista ou/e pelo acidentado acrescento de algo

mais, pela dinâmica, pode até acontecer que eu mude a designação de objecto familiar até então, para objecto estranho.

As respostas dos outros não respondiam às minhas perguntas, porque: cada um tem os seus pontos de vista.

Porque tudo está sempre ou a mudar-se ou a acabar-se, nós só temos que nos adaptar.

Cada um deseja adaptar-se á realidade, deseja viver, e sempre pela melhor maneira e só conhecendo-a é que.

Porque cada um tem em si características diferentes, para se adaptar á realidade, ninguém poderá ou deverá ser igual a outro alguém; nem poderemos, alguma vez pedir tal coisa.

Quer queiram quer não, somos todos, sem excepção, diferentes.